



Lição 03

A humildade de Cristo – o exemplo supremo

**18 de Outubro de 2026
4º TRIMESTRE 2026
JOVENS**

Murilo Alencar



FERRAMENTA EBD

Esboço Da Lição 03

Do 4º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

REGOZIJAI-VOS NO SENHOR
Vivendo com propósito à luz da Carta aos Filipenses

Domingo, 18 de outubro de 2026

A HUMILHAÇÃO DE CRISTO: O EXEMPLO SUPREMO

Murilo Alencar¹

INTRODUÇÃO

A unidade dos filipenses dependia também da maneira como tratavam uns aos outros. Embora compartilhassem a fé e o trabalho pelo Evangelho, os irmãos precisavam abandonar a rivalidade e a busca por reconhecimento que alimentavam suas disputas. Ao tratar dessas dificuldades, Paulo apresenta Jesus Cristo como o exemplo que deveria conduzi-los a uma convivência marcada pela humildade e pelo cuidado mútuo.

Ao descrever a humildade do Filho de Deus, sua obediência até a cruz e sua exaltação pelo Pai, Paulo mostra quanto a conduta da igreja deve corresponder ao Senhor que ela confessa. Nesta lição, estudaremos como o exemplo de Cristo confronta nosso orgulho e nos ensina a servir, considerando também as necessidades dos outros. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO PRINCIPAL – COMPARANDO TRADUÇÕES

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus. (Fp 2.5, NVI).

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus. (Fp 2.5, ARA).

Na **ARC**, a expressão “de sorte que” dá continuidade ao que Paulo vinha ensinando. Ele havia pedido aos irmãos que abandonassem as disputas e cuidassem uns dos outros; agora, apresenta Cristo como o exemplo que deveriam seguir. A **ARA** emprega “tende em vós”, uma maneira direta de dizer que os filipenses deveriam adotar a disposição demonstrada por Jesus. Onde essas duas versões usam “sentimento”, a **NVI** traduz “atitude”, palavra que ajuda a compreender a relação entre o que alguém pensa e a maneira como age. As três traduções comunicam o mesmo pedido, embora o expressem de formas diferentes.

A palavra “sentimento” se refere aqui ao modo de pensar que se expressa em atitudes. Ter o mesmo sentimento de Cristo significa aprender com ele a tratar as pessoas. **Como a ordem é dirigida a toda a igreja, cada irmão deveria avaliar sua maneira de agir pelo exemplo de Jesus.**

Para explicar como a unidade entre os cristãos se fortalece quando todos se voltam para Cristo, A. W. Tozer usa a imagem de cem pianos afinados pelo mesmo diapasão. O diapasão é um pequeno instrumento metálico que produz uma nota padrão, usada como base para a afinação. Se cada piano for ajustado por essa mesma nota, todos ficarão afinados entre si, mesmo sem terem sido comparados uns com os outros. Tozer aplica a comparação aos crentes: quando cada um toma Cristo como seu padrão, aproxima-se naturalmente dos irmãos que fazem o mesmo.

1. ¹Graduado em Teologia pela UniCesumar; tecnólogo em Coaching e Desenvolvimento Humano pela Unopar; pós-graduando em Educação Cristã e graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco.

Na igreja, muitas vezes esperamos que os outros se ajustem ao nosso modo de pensar, às nossas preferências ou à maneira como fazemos as coisas. Paulo, porém, mostra que todos devem tomar Cristo como referência. O padrão não é aquilo que eu penso nem aquilo que o outro pensa, mas Cristo. Nossos relacionamentos na igreja e no lar melhoram quando cada um examina suas próprias atitudes à luz do exemplo de Jesus e procura agir como ele agiria.

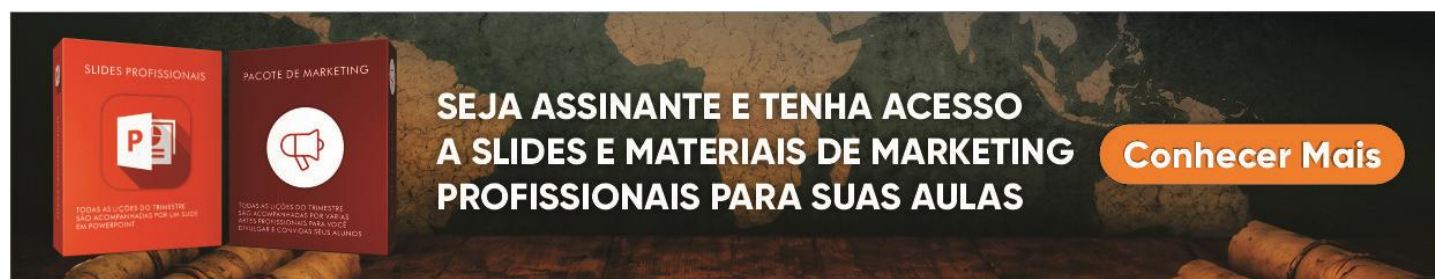
RESUMO DA LIÇÃO

Quanto mais alguém for humilde, abrir mão de seus direitos, negar-se a si mesmo de todo coração, receberá, da parte de Deus, honras indizíveis proporcionais ao seu esvaziamento.

Seguir o exemplo de Jesus exige a disposição para abrir mão de vantagens pessoais quando o amor ao próximo e a obediência a Deus assim exigem. Todavia, isso não significa que a pessoa deva desprezar o próprio valor, mas que seus interesses não precisam ocupar o primeiro lugar em todas as decisões tomadas, pois considera o bem que sua atitude pode fazer na vida de outra pessoa.

Ainda que esse tipo de dedicação passe despercebido pelas pessoas, Deus conhece aqueles que o servem com fidelidade e não considera inútil aquilo que fazem por amor a Cristo. **Jesus declarou que o Pai honraria quem o servisse (Jo 12.26). Portanto, podemos abrir mão de algo por obediência ao Senhor sem depender do reconhecimento humano para considerar esse serviço valioso.**

A palavra “proporcionais”, porém, precisa ser entendida com cuidado dentro da construção do texto do Resumo da Lição. Ela pode transmitir a ideia de que existe uma correspondência calculável entre aquilo de que abrimos mão e aquilo que receberemos de Deus, como se cada renúncia gerasse uma recompensa equivalente ou ainda maior. O texto bíblico permite dizer que o Pai honra quem serve a Cristo, mas não estabelece quanto cada pessoa receberá nem de que maneira essa honra acontecerá. Por isso, não devemos renunciar pensando que receberemos em troca mais bens, uma posição maior ou maior reconhecimento nesta vida. Nossa motivação deve ser obedecer a Cristo e servir por amor a ele, confiando que Deus sabe como tratar com aqueles que Lhe são fiéis.



1. A HUMILDADE SUPREMA

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

1.1 Abrindo mão de direitos.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Vive-se numa época em que todo mundo fala sobre lutas por direitos e por mais dignidade para trabalhadores, mulheres, etnias, minorias etc. Mas, quando olhamos para Jesus, vemos algo totalmente diferente: Ele abriu mão dos seus direitos. Desde o seu nascimento simples, em uma manjedoura, até a morte na*

cruz, Jesus viveu negando a si mesmo. Isso resume bem o que é verdadeiramente a humildade. Não significa nos diminuir por baixa autoestima, visto que temos grande valor no Reino de Deus, por sermos salvos pela graça divina (Ef 2.8-10; 1 Pe 1.18,19), mas escolher colocar a vontade de Deus acima de nós mesmos. É nesse contexto que Paulo ensina que os filipenses não deveriam agir “por contenda ou por vanglória, mas por humildade” (Fp 2.3).

O texto bíblico diz:

¹Portanto, **se** existe alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, **se** há profundo afeto e sentimento de compaixão, ²então completem a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, tendo o mesmo amor e sendo unidos de alma e mente. ³Não façam nada por interesse pessoal ou vaidade, mas por humildade, cada um considerando os outros superiores a si mesmo (Fp 2.1-3, NAA).

Paulo inicia o capítulo 2 com a conjunção “**portanto**”, porque ainda está desenvolvendo o apelo iniciado no final do capítulo anterior. Em Filipenses 1.27-30, o apóstolo pediu que os filipenses permanecessem unidos enquanto enfrentavam a oposição e o sofrimento por causa do evangelho. Agora, ele volta sua atenção para a maneira como aqueles irmãos deveriam se relacionar dentro da própria igreja. Antes de dizer o que precisavam fazer, porém, Paulo os faz lembrar de tudo aquilo que já compartilhavam por pertencerem a Cristo.

- Aquilo que os filipenses haviam recebido de Deus deveria influenciar a maneira como tratavam uns aos outros (v. 1). Paulo começa dizendo: “**se existe alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há profundo afeto e sentimento de compaixão**”. A repetição de “se” não significa que Paulo estivesse colocando essas coisas em dúvida. Seu argumento parte justamente de experiências que aqueles cristãos conheciam. Eles haviam encontrado encorajamento em Cristo, experimentado o amor de Deus, participavam do mesmo Espírito e conheciam o afeto existente entre Paulo e a igreja. Deste modo, se todas essas coisas faziam parte da vida deles, deveriam ser evidentes também na maneira como se relacionavam entre si.
- Paulo queria que essa experiência comum produzisse uma verdadeira unidade entre os irmãos (v. 2). Por isso, ele continua: “**então completem a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, tendo o mesmo amor e sendo unidos de alma e mente**”. A alegria de Paulo estava profundamente ligada ao bem daqueles irmãos, e vê-los vivendo em unidade completaria essa alegria. Ter “**o mesmo modo de pensar**” não significa que todos precisassem ter opiniões idênticas sobre cada assunto. Paulo está falando de uma disposição comum, de irmãos que procuram conduzir a vida pelos mesmos valores e pelo mesmo compromisso com Cristo. Além disso, eles deveriam ter “**o mesmo amor**” e permanecer “**unidos de alma e mente**”, de modo que essa unidade envolvesse tanto a maneira de pensar quanto a maneira de tratar uns aos outros.
- Para viver dessa maneira, os filipenses precisavam abandonar aquilo que alimentava as disputas dentro da igreja (v. 3). Paulo escreve: “**Não façam nada por interesse pessoal ou vaidade, mas por humildade, cada um considerando os outros superiores a si mesmo**”. O “**interesse pessoal**” descreve uma atitude em que a pessoa coloca os próprios interesses no primeiro lugar e pode até transformar aquilo que faz para Deus numa disputa por espaço ou autorreconhecimento. Já a “**vaidade**” envolve o desejo de receber

importância e admiração. **Contra essas atitudes, Paulo apresenta a humildade. Considerar os outros superiores não significa fingir que todos são mais capazes ou melhores em tudo. Significa deixar de tratar os próprios interesses como os mais importantes e aprender a levar a sério as necessidades e o bem dos irmãos.** Nos versículos seguintes, Paulo mostrará que foi exatamente dessa maneira que Cristo agiu.

Aplicações:

- Precisamos aprender a ceder quando a questão não envolve um princípio bíblico. Nem toda discordância precisa terminar em discussão ou ressentimento. Em muitos casos, o problema não está no assunto em si, mas na nossa dificuldade de aceitar que a decisão não seja tomada do jeito que queríamos.
- Nossa reação ao reconhecimento dado a outra pessoa pode revelar muito sobre o nosso coração. Quando outro irmão recebe uma oportunidade, um elogio ou uma função que desejávamos, podemos sentir incômodo, inveja ou vontade de diminuir aquilo que ele recebeu.

1.2 Olhar ascendente.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Paulo nos ensina que todos tenhamos, em relação aos semelhantes, um “olhar ascendente”. Como seria isso? É ter um jeito diferente de olhar as pessoas, considerando a todos superiores a nós mesmos. Enquanto existem ideologias que colocam pessoas como “melhores” que outras, a Bíblia mostra que todos têm o mesmo valor diante de Deus (Lc 12.7; 1 Pe 2.9). Não existe ser humano “inferior”.*

O texto bíblico diz:

“Não façam nada por interesse pessoal ou vaidade, mas por humildade, cada um considerando os outros superiores a si mesmo” (Fp 2.3, NAA).

A ordem de considerar os outros superiores pode causar certa estranheza. Como alguém deve entender essas palavras quando possui mais conhecimento, experiência ou habilidade do que outra pessoa? Paulo não pede que os filipenses neguem as diferenças que existem entre eles nem que adotem uma falsa modéstia. Sua preocupação está na maneira como cada irmão enxerga a si mesmo e trata os demais. Uma pessoa pode reconhecer que possui capacidade para determinada tarefa sem usar essa capacidade como razão para exigir mais espaço, atenção ou consideração do que os outros.

- Considerar o outro superior não significa fingir que ele é melhor em tudo. No contexto, Paulo combate o interesse pessoal e a vaidade que alimentam as disputas dentro da igreja. Por isso, ele não está criando uma classificação em que cada cristão deva se considerar menos capaz ou menos importante do que todos os demais. A ideia é deixar de colocar os próprios interesses sempre em primeiro lugar e tratar o irmão como alguém cuja necessidade, opinião e bem-estar merecem ser levados a sério. O versículo seguinte completa esse pensamento ao pedir que cada um considere não somente os seus próprios interesses, mas também os interesses dos outros.

- Nossas capacidades não nos tornam mais importantes do que os outros irmãos. **Deus distribuiu diferentes dons entre o seu povo, e ninguém reúne sozinho tudo aquilo de que a igreja necessita (1Co 12).** Um irmão pode ter facilidade para ensinar, enquanto outro sabe cantar, administrar ou servir em áreas nas quais o primeiro encontra dificuldade. Reconhecer aquilo que fazemos bem não é falta de humildade. O problema é quando usamos nossas capacidades para medir o valor das pessoas ou concluímos que nossa contribuição merece sempre mais reconhecimento.

C. S. Lewis usa uma comparação que nos ajuda a compreender essa atitude. Ele propõe que imaginemos um arquiteto que tenha projetado a mais bela catedral do mundo. Ser humilde não exigiria que esse homem negasse a qualidade de seu trabalho ou fingisse não possuir talento. Ele poderia reconhecer que havia feito algo excelente e se alegrar com o resultado. A questão seria outra. Se aquela mesma catedral tivesse sido projetada por outro arquiteto, ele conseguiria admirá-la com a mesma alegria? A beleza da obra continuaria a mesma, ainda que o mérito e o reconhecimento pertencessem a outra pessoa. Nós precisamos aprender a reconhecer as qualidades dos irmãos sem sentir que elas diminuem as nossas.

1.3 Olhar para além de si mesmo.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Ao deixar o seguinte conselho: “não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros” (Fp 2.4), o apóstolo nos adverte contra qualquer forma de egoísmo, preconceito ou ciúme, incentivando-nos a começar a nos importar de verdade com as pessoas, colocando as necessidades delas acima até das nossas. É, de fato, um chamado à prática da solidariedade, em que os atos de um influenciam e inspiram os outros, criando uma corrente de amor e gentileza em que a glória de Deus se manifesta e as pessoas são impactadas pelas nossas atitudes. Agindo assim, refletimos o caráter de Cristo em nós.*

O texto bíblico diz

“Não tendo em vista somente os seus próprios interesses, mas também os dos outros” (Fp 2.4, NAA).

No versículo anterior, Paulo pediu que os filipenses considerassem os outros superiores a si mesmos. Agora, ele explica como essa atitude deveria influenciar a maneira como tratavam uns aos outros. Os interesses, as necessidades e as dificuldades de um irmão não poderiam ser ignorados apenas porque não diziam respeito diretamente aos demais. Cada cristão continuaria cuidando de suas próprias responsabilidades, mas deveria aprender a olhar além delas e se importar com aquilo que o outro estava enfrentando.

- Paulo pede que os irmãos prestem atenção no que acontece com as pessoas ao seu redor. A expressão **“tendo em vista”** transmite a ideia de dirigir a atenção para algo e levá-lo em consideração. Já os **“interesses”** abrangem os assuntos que dizem respeito a outra pessoa, incluindo suas necessidades, preocupações e dificuldades. Podemos conviver durante muito tempo com alguém e, ainda assim, saber pouco sobre aquilo que ele enfrenta, simplesmente porque nunca perguntamos ou paramos para ouvi-lo. Paulo ensina que o cristão não deve viver tão concentrado em seus próprios assuntos a ponto de deixar de perceber quando um irmão precisa de cuidado.

- Considerar os interesses do próximo não significa abandonar nossas próprias responsabilidades. A palavra **“também”** é importante para compreender a ordem de Paulo. O apóstolo não condena o cuidado com a própria família, o trabalho e as demais obrigações da vida. O problema está em viver ocupado somente com aquilo que nos diz respeito. Amar o próximo como a nós mesmos significa reconhecer que nossas necessidades merecem atenção, mas que as necessidades dos outros não podem ser tratadas com indiferença.
- O cuidado pelos irmãos é responsabilidade de toda a igreja. Paulo dirige sua exortação a cada cristão, e não apenas aos líderes ou aqueles que exercem alguma função específica. Nem todos poderão oferecer o mesmo tipo de ajuda, mas todos podem prestar atenção no que acontece com as pessoas com quem convivem e considerar aquilo que está ao seu alcance fazer. Quando esse cuidado é compartilhado, quem atravessa uma dificuldade não precisa enfrentá-la sozinho.

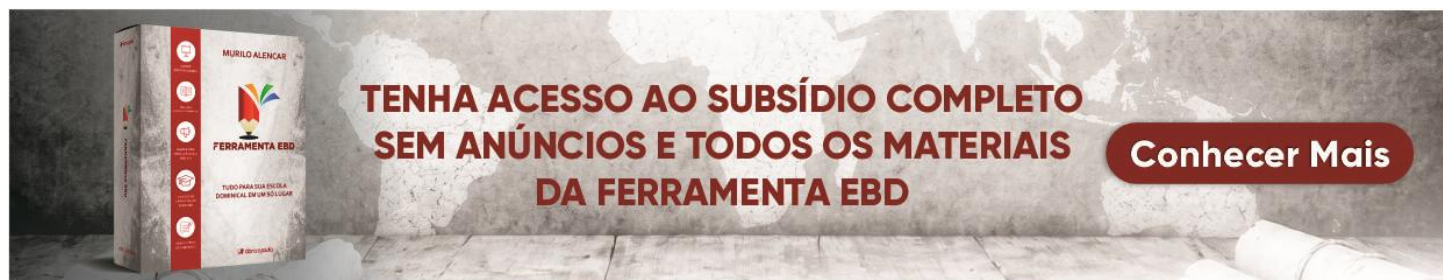
A própria carta apresenta Timóteo como exemplo dessa atitude. Paulo diz que não tinha ninguém que se preocupasse “tão sinceramente” com os filipenses como ele (Fp 2.20). Seu interesse por aqueles irmãos não ficava apenas nas palavras. Timóteo estava disposto a ir até Filipos, saber como eles estavam e dedicar tempo no cuidado daqueles irmãos. Dessa forma, Paulo oferece na própria carta um exemplo do que significa não olhar somente para os próprios interesses.

Aplicações:

- Não devemos esperar que um irmão peça ajuda para começar a nos importar com ele. Quando alguém se afasta das reuniões, muda de comportamento ou atravessa uma dificuldade, podemos procurá-lo antes de concluir que ele perdeu o interesse pela igreja ou que não quer mais se envolver. Uma conversa atenta pode revelar uma situação que desconhecíamos e mostrar como podemos ajudá-lo.
- Cuidar de alguém muitas vezes exigirá mexer na nossa própria rotina. Podemos acompanhar uma pessoa a uma consulta, preparar uma refeição para uma família que passa por dificuldades, assumir uma tarefa de alguém que está sobrecarregado ou reservar tempo para ouvir quem precisa conversar. Se só ajudarmos quando não houver nenhum custo para nós, dificilmente conseguiremos levar a sério os interesses dos outros.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 1):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



2. A OBEDIÊNCIA DE CRISTO

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

2.1 Esvaziamento.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Ter “o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus” (v. 5) ressoa equivalente à fala de Jesus “sede vós perfeitos” (Mt 5.48) e à de Deus a Abraão “anda na minha presença e sê perfeito” (Gn 17.1). Ter o mesmo sentimento de homens fracos e débeis não se apresenta difícil, porém ter o mesmo olhar de Cristo, para todas as circunstâncias da vida, definitivamente, torna-se viável somente com a ajuda do Alto, do Espírito Santo. A humildade verdadeira sempre leva à obediência (Fp 2.8). Por isso, após falar no sentimento que estava em Cristo, a Bíblia menciona acerca do apequenamento, em obediência, de Deus, mostrando o quanto Ele se humilhou. Ora, se para haver uma conversa entre um cientista e uma criança de dois anos, ou entre um professor e um aluno iniciante, é mister que o mais experiente promova sua autolimitação intelectual, imagine o Ser eterno se relacionar com o homem, que é pó?*

A Bíblia diz:

⁵Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar de Cristo Jesus, ⁶que, mesmo existindo na forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo que deveria ser retido a qualquer custo. ⁷Pelo contrário, ele se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos seres humanos (Fp 2.5-7a).

Para explicar a humildade que esperava dos filipenses, Paulo apresenta a maneira como Cristo agiu em nosso favor. Nos versículos anteriores, ele havia condenado a ambição pessoal e pedido que os irmãos considerassem os interesses uns dos outros. Agora, o apóstolo destaca que essa disposição corresponde ao exemplo do próprio Senhor. A sequência dos versículos 6 e 7 permite compreender seu argumento. Primeiro, Paulo descreve a condição divina de Cristo; em seguida, explica como ele tratou os privilégios dessa condição e o que fez ao se esvaziar.

- Cristo já possuía a natureza divina antes de se tornar homem. A expressão “forma de Deus” precisa ser compreendida junto da declaração sobre sua igualdade com Deus. Nesse contexto, “forma” não significa uma aparência exterior que escondesse algo diferente. Paulo fala daquele que já existia como Deus antes de assumir nossa humanidade. A igualdade com Deus, portanto, não era uma posição que Jesus ainda precisava conquistar. Ela já lhe pertencia. Esse ponto é necessário para compreender a grandeza de sua renúncia. Aquele que assumiu a condição de servo era o próprio Filho de Deus, e seu nascimento entre nós não marcou o início de sua existência.
- Cristo não considerou sua igualdade com Deus uma vantagem a ser aproveitada em benefício próprio. Na ARC, a palavra “usurpação” está relacionada ao ato de tomar algo que não pertence a alguém. Contudo, Paulo não descreve uma tentativa de Jesus de alcançar a posição divina. Como explica Moisés Silva, o contexto mostra que Cristo se recusou a agir de maneira egoísta com aquilo que já possuía. Ele não fez de sua grandeza uma razão para evitar a humilhação envolvida em vir nos salvar.

- O esvaziamento é explicado pela condição de servo que Cristo assumiu. Ao ler que Jesus se esvaziou, podemos imaginar que ele retirou de si alguma coisa, como seu poder, seu conhecimento ou sua natureza divina. Paulo, porém, não apresenta uma lista de atributos abandonados. Ele explica o esvaziamento por meio das palavras que vêm em seguida, ao descrever Cristo como aquele que assumiu a forma de servo. **Gordon Fee chama a atenção para essa ligação. A pergunta que o próprio texto responde é como Cristo se esvaziou. Ele o fez ao se entregar ao serviço e assumir nossa humanidade.** Não houve uma troca na qual deixou de ser Deus para se tornar homem. O Filho conservou sua natureza divina e assumiu a natureza humana.
- Cristo tornou-se verdadeiramente humano sem deixar de ser Deus. A expressão “**semelhante aos seres humanos**” não significa que Jesus apenas parecia ser homem. Ele entrou de fato na condição humana e conheceu o cansaço, a dor, o sofrimento e as limitações próprias da nossa existência, embora permanecesse sem pecado. Ao mesmo tempo, sua encarnação não anulou sua divindade. Aquele que assumiu a forma de servo continuava sendo o Filho de Deus. Por isso, sua humilhação é tão significativa: aquele que possuía a condição mais elevada decidiu entrar em nossa condição e servir em favor de outros.

O episódio em que Jesus lavou os pés dos discípulos é muito proveitoso para ilustrar essa disposição (Jo 13.12-15). Ao terminar, ele reconheceu que os discípulos o chamavam corretamente de Mestre e Senhor. Servir não havia alterado quem ele era. Sua autoridade, porém, não o impediu de realizar um trabalho humilde em benefício daqueles homens. Ao pedir que seguissem seu exemplo, Jesus ensinou que pertencer a ele exige aprender a servir da maneira como ele serviu.

2.2 Missão encarnacional.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *O propósito de todo cristão deve ser seguir os passos de seu Senhor, o qual teve uma missão encarnacional: saiu da sua glória e entrou na realidade humana para nos salvar. Ele deixou sua posição, veio a um mundo hostil e viveu entre nós para nos conduzir à eternidade. Isso é a missão encarnacional, a qual todo cristão deve compreender e se comprometer, como está escrito: “Porque para isto sois chamados, pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas” (1 Pe 2.21).*

O texto bíblico diz

“[...] tornando-se semelhante aos seres humanos” (Fp 2.7, NAA).

A expressão “missão encarnacional” relaciona a encarnação do Filho de Deus com o propósito de sua vinda ao mundo. Jesus assumiu nossa humanidade para realizar a obra da salvação. Ele viveu entre aqueles que veio salvar, ensinou, serviu e entregou sua vida em favor deles. Ao apresentar essa missão como exemplo para os cristãos, precisamos distinguir aquilo que somente Cristo poderia realizar da disposição que seus discípulos devem aprender com ele.

- A obra redentora de Cristo não pode ser repetida por seus discípulos. Como explica Hendriksen, não podemos imitar os atos pelos quais Jesus nos redimiu nem morrer em lugar dos pecadores para reconciliá-

los com Deus. Somente ele poderia realizar essa obra. Por isso, a missão da igreja depende da salvação que Cristo já realizou. Nós anunciamos o Salvador e ensinamos as pessoas a confiar nele. Quando a revista aplica a expressão “missão encarnacional” aos cristãos, devemos compreendê-la como uma maneira de descrever um serviço inspirado no exemplo de Jesus, sem confundi-lo com sua encarnação ou com sua obra redentora.

- Devemos imitar a disposição com que Cristo se entregou em favor de outros. Paulo apresenta a atitude de Jesus como resposta ao egoísmo que prejudicava os relacionamentos entre os filipenses. O Filho se dispôs a servir e a assumir o custo de sua missão. Seguir esse exemplo exige que nosso compromisso com as pessoas envolva dedicação, paciência e disposição para ajudá-las. A preocupação com a salvação de alguém deve influenciar o tempo e a atenção que dedicamos a essa pessoa.
- A vida de Jesus fornece o modelo pelo qual devemos formar nossa conduta. Ao comentar 1 Pedro 2.21, certo pregador emprega a ilustração de uma régua de caligrafia cujos moldes ajudam o aluno a escrever sobre uma folha em branco. A forma das letras serve de referência para os traços que serão feitos. A comparação ajuda a entender o que significa ter Cristo como exemplo. Suas palavras, seus gestos e suas atitudes devem servir de modelo para aquilo que fazemos. No contexto de Pedro, isso envolve especialmente a maneira de responder ao sofrimento injusto. Jesus foi insultado e sofreu, mas não respondeu com insultos nem ameaças; confiou naquele que julga com justiça (1Pe 2.23).

Assim como o aluno precisa consultar o modelo para formar as letras, o cristão precisa conhecer a vida de Jesus para aprender a agir como ele. Os Evangelhos mostram como ele ensinava, corrigia, acolhia e respondia aos seus opositores. Ao estudar esses relatos, devemos examinar nossas próprias palavras e atitudes, permitindo que o exemplo do Senhor corrija nossa maneira de viver.

2.3 Obediência até o fim.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A obediência tem uma característica própria: ela precisa ser total. Parcialmente, trata-se de desobediência. Assim, o projeto de Deus para o Filho, desde a eternidade, incluía ser gerado no ventre de uma virgem (Is 7.14), a fim de nascer sem a semente do pecado original, ter uma vida simples, normal, diante dos homens (Zc 9.9) e, sem pecado (1 Pe 2.22), transpor toda a experiência humana, até ser pendurado em uma cruz, para ali cumprir integralmente a justiça de Deus (Is 53), executando formidavelmente o plano da salvação (Sl 22). Por tal razão, o apóstolo Paulo afirma que Jesus foi “obediente até a morte e morte de cruz”.*

O texto bíblico diz

“[...] ele se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fp 2.8, NAA).

Paulo prossegue explicando até onde chegou a humilhação do Filho de Deus. Ao mencionar novamente sua condição humana no início do versículo 8, ele prepara o leitor para compreender a obediência que Jesus demonstrou nessa condição. Aquele que havia assumido a forma de servo permaneceu fiel ao Pai mesmo quando

o cumprimento de sua missão lhe custou a própria vida. Paulo não diz apenas que Cristo morreu, mas explica como ele chegou até a morte e acrescenta que essa morte ocorreu na cruz.

- Jesus se humilhou voluntariamente ao obedecer ao Pai. **As palavras “ele se humilhou” destacam uma ação do próprio Cristo. Embora tenha sido preso, condenado e executado por homens, Paulo considera sua morte a partir da disposição com que Jesus cumpriu a vontade do Pai.** Ele não foi apenas vítima da violência de seus adversários, mas se entregou voluntariamente para cumprir a missão que havia recebido. A expressão **“tornando-se obediente”** explica de que maneira essa humilhação aconteceu. A humildade que Paulo havia pedido aos filipenses no versículo 3 podia ser vista, em sua expressão mais elevada, na conduta do próprio Senhor.
- A obediência de Cristo chegou até a morte. A expressão “até a morte” não significa apenas que Jesus permaneceu obediente durante toda a vida e, por fim, morreu. Ela indica até onde sua obediência o levou. Cristo cumpriu a vontade do Pai mesmo quando isso exigiu dele a própria vida. Por isso, a morte não deve ser entendida como uma interrupção inesperada de sua missão, mas como parte daquilo que ele veio realizar.
- A morte de cruz levou a humilhação de Cristo ao seu ponto mais baixo. Paulo poderia ter encerrado a frase com **“até a morte”**, mas acrescenta **“e morte de cruz”**. Para os primeiros leitores, a crucificação estava associada a uma execução cruel e profundamente desonrosa, empregada sobretudo contra escravos e pessoas consideradas inimigas da ordem romana. O condenado era exposto publicamente e tratado com desprezo. Como estamos acostumados a ver a cruz como símbolo da fé cristã, podemos perder de vista a vergonha que ela representava naquele tempo. Paulo introduz a perícopes falando daquele que existia na forma de Deus e chega ao ponto em que ele aceita morrer na cruz. O contraste permite perceber a profundidade de sua humilhação.

A morte de Cristo, porém, não deve ser compreendida apenas como o ponto máximo de sua humilhação. Ela possuía um propósito redentor. Hendriksen lembra que Jesus se ofereceu em favor dos pecadores, e Paulo ensina em Gálatas 3.13 que Cristo nos resgatou da maldição da Lei ao assumir essa maldição por nós. Portanto, aquele que se humilhou até a cruz não estava apenas oferecendo um exemplo de obediência. Por meio de sua morte, realizava aquilo que somente ele poderia fazer em favor dos pecadores.

Tudo isso torna o apelo aos filipenses ainda mais sério. No versículo 12, Paulo voltará ao tema da obediência deles. Depois de apresentar a obediência de Cristo, o apóstolo esperava que aqueles irmãos levassem a sério aquilo que haviam recebido do Senhor, inclusive suas instruções sobre humildade e unidade.

Aplicação:

Sofrer por obedecer não significa que tomamos a decisão errada. Jesus permaneceu obediente ao Pai e, ainda assim, essa obediência o conduziu ao sofrimento e à cruz. Por isso, não devemos avaliar uma escolha apenas pelo resultado imediato. Em algumas situações, fazer o que é certo pode trazer rejeição, prejuízo ou incompreensão, sem que isso signifique que Deus deixou de estar conosco.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 2):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



3. EXALTAÇÃO: O PORTO FINAL DA HUMILDADE

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

3.1 Deus é quem exalta.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *O texto (Fp 2.9-11) deixa bastante claro que Jesus, Aquele que a si mesmo se humilhou, deixando voluntariamente suas riquezas celestiais e toda sua glória, submetendo-se espontaneamente a uma condição degradante, a humana; foi presenteado por Deus, sendo o Pai o agente dessa exaltação.*

O texto bíblico diz

“Por isso também Deus o exaltou sobremaneira [...]” (Fp 2.9a, NAA).

Em toda a primeira parte do texto, Cristo é o sujeito das ações descritas por Paulo. Foi ele quem não considerou sua igualdade com Deus algo a ser retido, quem se esvaziou, quem se humilhou e quem obedeceu até a morte de cruz (vv. 6-8). No versículo 9, o sujeito muda. Quem age agora é Deus Pai, e a narrativa, que vinha descendo até o ponto mais baixo da humilhação, passa a ascender. Paulo não menciona a ressurreição nem a ascensão, mas as duas estão pressupostas no que ele afirma, porque não haveria exaltação de alguém que tivesse permanecido no túmulo.

- A exaltação de Cristo é a resposta de Deus para sua humilhação. A ARC traduz o início do versículo por “pelo que também”, e a NAA, por “por isso também”. As duas expressões ligam o que vem a seguir ao versículo 8. Porque Cristo se humilhou e obedeceu até a cruz, Deus o exaltou. A mesma ligação está em Isaías 53.12, onde o Servo do Senhor recebe sua parte com os grandes **“porquanto derramou a sua alma na morte”**. Alguns entendem a exaltação como recompensa, e outros, como consequência da humilhação. A melhor maneira de compreendê-la é como vindicação, isto é, o ato pelo qual Deus declara publicamente que o caminho percorrido pelo Filho era o caminho certo. Para quem assistiu ao Calvário, a cruz parecia derrota e vergonha. A exaltação é o “sim” de Deus para o que Cristo fez. Podemos falar em recompensa,

desde que ela não seja confundida com mérito, como se a obediência de Cristo tivesse criado uma dívida que obrigasse Deus a agir.

- A exaltação de Cristo foi a mais elevada possível. O verbo traduzido por “exaltou soberanamente” (ARC) ou “exaltou sobremaneira” (NAA) é *hyperypsoō*, formado pelo verbo comum para “exaltar” acrescido da preposição *hyper*, que significa “acima”. Esse verbo aparece somente aqui em todo o Novo Testamento. Nas palavras compostas com *hyper*, que Paulo usa com frequência, a preposição costuma expressar intensidade e não comparação, como em Romanos 8.37, onde os crentes são “mais do que vencedores”. Paulo não está dizendo, portanto, que Cristo foi colocado numa posição mais alta do que a que ocupava antes, e sim que Deus o elevou ao grau mais alto possível. Essa exaltação inclui a ressurreição, a ascensão e o lugar de honra que o Filho ocupa junto do Pai (At 2.33; Ef 1.20-22; Hb 1.3). Deus também exalta os seus servos, mas o verbo que descreve a exaltação de Cristo foi reservado somente a ele. Nenhum servo de Deus ocupará o lugar que pertence ao Filho.
- A exaltação não acrescentou ao Filho uma divindade que ele não possuía. Quem lê que Deus exaltou Cristo pode perguntar se ele recebeu algo que não tinha antes. Na oração registrada em João 17, Jesus pede ao Pai que o glorifique **“com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse”** (Jo 17.5, ARC). A glória para a qual ele retorna é a mesma que possuía desde a eternidade. Como Deus, o Filho não podia ser humilhado nem exaltado em sua natureza divina. A novidade está em que aquele que agora ocupa o lugar mais alto é o Filho encarnado, que subiu aos céus com a humanidade que assumiu. Por essa razão, a ascensão de Cristo é, em certo sentido, uma volta para a glória, e não existe conflito entre Filipenses 2.9 e João 17.5.

A pregação de Pedro no dia de Pentecostes mostra o contraste entre o julgamento dos homens e o julgamento de Deus. Pedro lembra aos ouvintes que eles haviam matado Jesus, crucificando-o por mãos de injustos, mas que Deus o ressuscitou (At 2.23,24). Em seguida, declara que Jesus, exaltado pela destra de Deus, havia derramado o Espírito Santo que eles agora viam e ouviam (At 2.32,33). Os homens condenaram Jesus como criminoso, e Deus reverteu essa sentença ao ressuscitá-lo e dar-lhe o lugar mais alto. A última palavra sobre Jesus não foi dada pelo tribunal que o condenou, mas pelo Pai que o exaltou.

Aplicações

- Não precisamos promover a nós mesmos para que Deus nos honre. Cristo não reivindicou sua exaltação e deixou ao Pai o momento e a forma de honrá-lo. Pedro aplica o mesmo princípio aos crentes quando escreve “Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte” (1Pe 5.6, ARC).
- Humilhar-se não é um meio de conseguir exaltação. A revista afirma que, quanto mais verdadeiro for o nosso servir, maior será a honra que vem de Deus. Como vimos no Resumo da Lição, Deus honra quem o serve, mas não estabelece uma medida para essa honra. Quem se humilha esperando ser notado continua

preso na vaidade que Paulo condenou no versículo 3. A obediência de Cristo não forçou a mão de Deus, e a nossa também não forçará. Servimos porque amamos o Senhor e deixamos com ele a decisão de quando e como nos honrar.

3.2 Nome sobre todos.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Na cultura judaica, o nome simboliza a pessoa, seu ser, sua natureza e seus atributos. Assim, receber um nome que é sobre todo nome significa que Jesus é autoridade principal do universo, sendo superior a todas as outras pessoas que possam ser nomeadas nesta vida e na eternidade.*

O texto bíblico diz

“[...] e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra” (Fp 2.9b,10, NAA).

Depois de afirmar que Deus exaltou Cristo, Paulo explica em que consistiu essa exaltação. O Pai lhe deu “o nome que está acima de todo nome”. Os dois verbos do versículo 9 descrevem uma só realidade, pois Deus exaltou o Filho ao conceder-lhe esse nome. Paulo, porém, não diz logo qual é o nome. Ele primeiro descreve a reverência que toda a criação prestará e só no versículo 11 revela o nome que estava preparando.

- O nome foi concedido pela graça do Pai. O verbo traduzido por “deu” pertence à mesma família da palavra grega para “graça” e significa dar de boa vontade, como um presente. A revista expressa bem essa ideia ao dizer que Jesus “foi presenteado por Deus”. Também merece atenção o artigo definido. Paulo não fala de “um nome” importante entre outros, mas “do nome”, aquele que ocupa o lugar mais alto. Ninguém tomou de Cristo a honra quando ele foi crucificado, e ninguém a devolveu senão o Pai, que lhe deu o nome mais elevado que existe.
- Na Bíblia, o nome representa a pessoa. Hoje, o nome serve principalmente para distinguir uma pessoa da outra. Nas Escrituras, ele expressava o caráter, a dignidade, a autoridade ou a posição de alguém, e por essa razão Deus mudava o nome de pessoas quando lhes dava uma nova missão. Abraão passou a se chamar Abraão (Gn 17.5), Jacó recebeu o nome de Israel (Gn 32.28), e Simão foi chamado Pedro (Jo 1.42). Receber o nome que está acima de todo nome significa receber a posição e a autoridade mais altas, acima de todo principado, potestade e “de todo nome que se nomeia” (Ef 1.21, ARC). Por essa mesma razão, dobrar o joelho “ao nome de Jesus” não é reagir ao som de uma palavra, mas reconhecer a pessoa que esse nome representa.
- O nome que está acima de todo nome é “Senhor”. No versículo 11, Paulo revela o conteúdo da confissão que toda língua fará, isto é, que “Jesus Cristo é o Senhor”. Para entender o peso dessa palavra, precisamos lembrar que os judeus, por reverência, evitavam pronunciar o nome pessoal de Deus, Yahweh, e liam “Senhor” em seu lugar. A tradução grega do Antigo Testamento, chamada Septuaginta, seguiu esse

costume e usou Kyrios, “Senhor”, para traduzir o nome divino. Paulo toma emprestadas, nos versículos 10 e 11, as palavras de Isaías 45.23, onde o próprio Deus declara que “diante de mim se dobrará todo o joelho, e por mim jurará toda a língua” (ARC). Naquele capítulo, o Senhor insiste que não há outro Deus além dele (Is 45.18,21,22). Em outra passagem, ele afirma que não dará sua glória a outro (Is 42.8). Paulo, no entanto, coloca “ao nome de Jesus” onde Isaías dizia “diante de mim”. A honra que o Antigo Testamento reserva somente a Deus é prestada a Jesus, e a explicação está no versículo 6, pois aquele que recebeu o nome existia “na forma de Deus”. A revista tem razão, portanto, ao dizer que Jesus recebeu o mesmo nome do Pai.

- O nome humano de Jesus não foi deixado de lado. Paulo poderia ter escrito “ao nome do Senhor”, mas escreveu “ao nome de Jesus”. O nome que Maria e José deram ao menino em obediência ao anjo (Mt 1.21), o mesmo que estava escrito sobre a cruz (Jo 19.19), agora está ligado ao título mais alto. O Novo Testamento une os dois com frequência na expressão “nome do Senhor Jesus” (At 19.5; Cl 3.17). Aquele que recebeu o nome de Senhor é o homem de Nazaré que foi crucificado, e não outra pessoa.
- A autoridade de Jesus alcança toda a criação. Paulo descreve o alcance dessa reverência com três expressões, “nos céus, na terra e debaixo da terra”. Muitos entendem que os céus se referem aos anjos, a terra, aos que estiverem vivos na volta de Cristo, e o lugar debaixo da terra, aos mortos, que também serão ressuscitados. Mais importante que identificar cada grupo é perceber o que Paulo quer dizer com as três expressões juntas. Não existe lugar, ser ou poder que fique fora da autoridade de Jesus. A palavra traduzida por “debaixo da terra” aparece somente aqui no Novo Testamento, e sua presença mostra que nem mesmo o mundo dos mortos escapa do senhorio de Cristo.
- Todos se dobrarão diante de Jesus, mas nem todos com a mesma disposição. Paulo não ensina que, no fim, todos serão salvos. Em Romanos 14, ele cita a mesma profecia de Isaías ao falar do dia em que todos compareceremos diante do tribunal de Deus (Rm 14.10-12). Os anjos e os que foram redimidos se dobrarão com alegria. Os que rejeitaram a Cristo também se dobrarão, porém reconhecendo uma autoridade que recusaram, sem que esse reconhecimento signifique arrependimento. A expressão “para que” não descreve apenas um desejo de Deus que poderia ficar sem cumprimento. Ela anuncia um propósito que certamente se realizará, porque o Pai determinou sujeitar todas as coisas ao Filho (1Co 15.25-28).
- O livro de Apocalipse apresenta uma cena que corresponde às três esferas mencionadas por Paulo. Diante do Cordeiro que estava como tendo sido morto, os anjos proclamam que ele é digno de receber o poder, a honra e a glória (Ap 5.6,11,12). Em seguida, João ouve toda criatura que está no céu, na terra, debaixo da terra e no mar dar louvor “ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro” (Ap 5.13, ARC). A razão dessa honra é a mesma que Paulo apresenta aos filipenses. O Cordeiro é exaltado porque foi morto e com

seu sangue comprou para Deus pessoas de toda tribo, língua, povo e nação (Ap 5.9). Aquele que desceu até a cruz é o mesmo que recebe a adoração de toda a criação.

Aplicações:

- O nome de Jesus deve ser usado com reverência. Orar “em nome de Jesus” significa apresentar-se a Deus pela autoridade de Cristo e em submissão a ele. Não se trata de uma fórmula que garante resultados. Em Éfeso, alguns homens tentaram usar o nome de Jesus como palavra de poder, sem conhecê-lo, e foram dominados pelo espírito que pretendiam expulsar (At 19.13-16). O nome tem autoridade porque representa a pessoa do Senhor, e quem o invoca precisa estar debaixo dessa autoridade.

3.3 Para a glória de Deus Pai.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Dessa forma, após analisar todas as expressões que demonstram a exaltação de Jesus, Paulo fecha com chave de ouro ao mencionar que tudo aconteceu para a glória de Deus Pai (Fp 2.11). Por tudo isso, observa-se que o andar humildemente, muito antes de ser uma virtude, trata-se de um agir inteligente, calcado em realidades presentes e também nas eternas.*

O texto bíblico diz:

“e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai” (Fp 2.11, NAA).

A frase iniciada no versículo 9 chega ao fim com a confissão de toda língua e com a glória de Deus Pai. Ao mesmo tempo, a passagem inteira se completa. Ela começou falando daquele que existia na forma de Deus (v. 6), desceu até a morte de cruz (v. 8) e agora termina com a glória do Pai (v. 11). Lido do começo ao fim, o texto mostra que a humilhação do Filho não diminuiu a glória de Deus. Foi por meio dela que essa glória se manifestou.

- A igreja já faz hoje a confissão que toda língua fará no fim. O verbo traduzido por “confesse” significa declarar abertamente, reconhecer em público. A frase “Jesus é o Senhor” foi uma das primeiras declarações da igreja, e Paulo a liga diretamente à salvação ao ensinar que quem confessa com a boca que Jesus é o Senhor e crê no coração que Deus o ressuscitou será salvo (Rm 10.9). O apóstolo também ensina que essa confissão é obra do Espírito Santo, pois ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor senão por ele (1Co 12.3). No dia de Pentecostes, Pedro anunciou que Deus havia feito Senhor e Cristo “a esse Jesus, a quem vós crucificastes” (At 2.36, ARC), e os que creram passaram a confessá-lo publicamente. Cada vez que um crente declara que Jesus é o Senhor, antecipa aquilo que toda a criação reconhecerá.
- Em Filipos, chamar Jesus de Senhor tinha um sentido especial. Filipos era uma colônia romana, e muitos de seus moradores se orgulhavam da cidadania romana (At 16.12,21). Naquele tempo, o imperador era chamado de “senhor” e de “salvador”, e recebia honras religiosas em várias cidades do império. Paulo escrevia como prisioneiro de César (Fp 1.13), e os filipenses sofriam oposição dos próprios concidadãos (Fp 1.28-30). Ao dizer que toda língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor, o apóstolo lembrava aos

irmãos que o verdadeiro governante não estava sentado em Roma. Mais adiante na carta, Paulo usa os dois títulos atribuídos ao imperador para falar de Jesus, quando escreve que a nossa cidade está nos céus, de onde esperamos “o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (Fp 3.20, ARC).

- A honra prestada ao Filho resulta em glória para o Pai. As últimas palavras do versículo mostram que a exaltação de Jesus não cria rivalidade entre o Pai e o Filho. O texto começa com o Pai exaltando o Filho (v. 9) e termina com a glória do Pai (v. 11), de modo que a iniciativa e o objetivo pertencem a Deus Pai. O próprio Jesus ensinou que o Pai quer que “todos honrem o Filho, como honram o Pai”, e que quem não honra o Filho também não honra o Pai que o enviou (Jo 5.23, ARC). Na véspera da cruz, ele orou dizendo “glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti” (Jo 17.1, ARC). Paulo mantém a fé em um só Deus sem diminuir a pessoa de Cristo, como faz em outra carta ao afirmar que para nós há “um só Deus, o Pai”, e “um só Senhor, Jesus Cristo” (1Co 8.6, ARC).
- Os primeiros séculos da igreja mostram o que essa confissão podia custar. Por volta do ano 155, em Esmirna, o bispo Policarpo foi levado diante das autoridades romanas. Antes do julgamento, alguns oficiais tentaram convencê-lo dizendo que não havia mal algum em declarar “César é senhor” e oferecer incenso, se assim ele salvaria a própria vida. Policarpo recusou. Diante do procônsul, que lhe ordenava amaldiçoar Cristo, respondeu que havia servido o Senhor por oitenta e seis anos sem que ele lhe fizesse mal algum, e perguntou como poderia blasfemar contra o Rei que o salvou. Ele foi condenado e morto. Para Policarpo, chamar César de senhor seria negar aquilo que Paulo havia escrito aos filipenses.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 3):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



TENHA EM MÃOS O MAIOR PACOTE PARA PROFESSORES DA EBD

Conhecer Mais

CONCLUSÃO

Paulo apresentou a humilhação e a exaltação de Cristo para ensinar aos filipenses como deveriam viver juntos. O Filho de Deus assumiu a condição de servo, entregou-se por nós e obedeceu ao Pai até a morte na cruz. Aquele que assim se humilhou foi exaltado, e toda a criação reconhecerá seu senhorio para a glória de Deus Pai. Ao conhecer quem Jesus é e o que fez, a igreja encontra razões para adorá-lo e para abandonar as atitudes que contrariam seu exemplo.

Confessar Jesus como Senhor exige que também aceitemos sua vontade quando ela confronta nosso orgulho. Por isso, cada um de nós precisa examinar como trata os irmãos e reconhecer onde a busca por

importância tem prejudicado a convivência. Que o estudo desta lição nos leve a corrigir essas atitudes, a servir com humildade e a honrar, em nossa maneira de viver, aquele que adoramos com nossas palavras.

ABRA A JAULA

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

KÖSTENBERGER, Andreas J.; KELLUM, L. Scott; QUARLES, Charles L. **Introdução ao Novo Testamento: a manjedoura, a cruz e a coroa.** Tradução: Carlos Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2022.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** Tradução: Danilo Mendes. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2026.

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Org.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento.** Tradução: C. E. S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento.** Tradução: José Gabriel Said. São Paulo: Vida Nova, 2017.

FEE, Gordon D. **Filipenses: comentário exegético.** Tradução: Marcelo Gonçalves. São Paulo: Vida Nova, 2022.

LOPES, Hernandes Dias. **Filipenses: a alegria triunfante no meio das provas.** São Paulo: Hagnos, 2007. (Comentários Expositivos Hagnos).

SILVA, Moisés. **Philippians.** 2. ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2005. (Baker Exegetical Commentary on the New Testament).